

Resenha / Review

PAVEAU, Marie-Anne. *L'Analyse du Discours Numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017, 400p.*

Nathalia Akemi Sato Mitsunari* 

nathalia.mitsunari@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-1389-9337>

A tecnologia e a informática desencadearam significativas mudanças nos modos de contato interpessoal, de trabalhar, de aprender e ensinar e de se informar. Segundo a professora Marie-Anne Paveau, nas últimas quatro décadas, houve a expansão de gigantes da web, como *Google, Microsoft, Apple, Facebook e Amazon*. Também as marcas são impressionantes, como a de 350.000 tuítes por minuto em dezembro de 2016 e a de 830.000 arquivos compartilhados por minuto pelo *Dropbox* nos Estados Unidos no mesmo ano. Poucos trabalhos, no entanto, foram desenvolvidos acerca do discurso digital. Muitos se limitaram a uma perspectiva logocêntrica e a uma representação antropocêntrica da máquina, isto é, buscando compreendê-la como suporte, sem considerar que o texto produzido a partir de ferramentas de *softwares* tem seu sentido coconstruído por determinações técnicas e algorítmicas.

Diante desse problema, Paveau elaborou um “Dicionário de Análise do Discurso Digital (DADN)”¹, publicado de dezembro de 2012 a julho de 2015 em *Technologies Discursives*², caderno de pesquisa. O objetivo foi fornecer um aparato teórico-metodológico para a análise do tecnodiscurso, demonstrando como as mudanças na mobilidade, nas formas de encontro e de se relacionar provocadas pela *Internet* afetam também o fazer científico, não só em sua maneira de produzir e em seu meio de circulação, mas também em seu trabalho teórico e metodológico. Nesse dicionário on-line, teve início a obra *Análise do Discurso Digital. Dicionário das formas e das práticas*.

* Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil.

¹ Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/category/dictionnaire-dadn> Acesso em: 25 de mai. 2021.

² Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/> Acesso em: 25 de mai. 2021.

Esse importante dicionário acaba de ser traduzido para o português por Júlia Lourenço Costa e por Roberto Leiser Baronas e publicado pela editora Pontes. Essa publicação chega em hora muito oportuna, quatro anos depois do seu original em francês.

Está organizada em 31 verbetes, além da introdução: “Algoritmo”, “Análise do Discurso Digital”, “Ampliação”, “Comentário”, “Comunicação mediada por computador”, “Compósito”, “Corpus digital nativo”, “Cor”, “Ciberviolência discursiva”, “Deslinearização”, “Dualismo digital”, “Ecologia do discurso”, “Escrita digital”, “Enunciador digital”, “Ambiente”, “Ética do discurso digital”, “Extimidade”, “Hashtag”, “Hipertexto”, “Imprevisibilidade”, “Integridade contextual”, “Leis do discurso digital”, “Memória tecnodiscursiva”, “Produto”, “Pseudonimato”, “Relacionalidade”, “Tecnodiscurso citado”, “Tecnogênero de discurso”, “Tecnografismo”, “Tecnologia discursiva” e “Tuíte”.

Cada um dos verbetes não só traz a definição de conceitos e a descrição de categorias de análise de tecnogêneros – uma tipologia, no caso dos verbetes “Comentário”, “Ciberviolência”, “Deslinearização”, “Enunciador digital”, “Tecnodiscurso citado”, “Tecnogênero de discurso”, “Tecnografismo” e “Tuíte” –, como também propõe um debate epistemológico. São citados estudos que tratam do discurso digital na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Itália, no Chile, na Coreia do Sul, na Índia, na Noruega, na Finlândia, em Portugal e no Brasil. São mencionadas três autoras brasileiras: Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi e Cristiane Dias.

Paveau é membro da Pléaide³, unidade de pesquisa pluridisciplinar que congrega geógrafos, linguistas e historiadores – da arte, do cinema, da literatura –, respondendo a diferentes vertentes das ciências humanas. Assim, encontramos em sua obra, conceitos como o de extimidade, da psicologia social de Serge Tisseron; o de produto, da teoria da comunicação de Axel Bruns; e o de ambiente, emprestado de teorias cognitivas do discurso. A autora assume, entretanto, a perspectiva da Análise Cognitiva do Discurso (PAVEAU, 2017, p. 167), apoiada em Lucy Suchman e em Edwin Hutchins. Compreende que o sistema cognitivo não é individual, porque se desenvolve a partir de um ambiente, com um conjunto de agentes humanos, sociais, e não humanos, instrumentos e objetos. Essa concepção de ambiente é central em seu estudo, porque se opõe à noção de condições de produção da Análise do Discurso francesa e a noções de contexto de teorias do texto e da interação, posicionando-se diante de uma longa tradição de estudos sobre a linguagem em uso, que se esforçou para delimitar um campo e uma unidade de análise para a interação verbal, considerando diferentes processos de inferência.

Paveau defende que essas teorias são dualistas, herdeiras de Saussure, porque distinguem o linguístico e o extralinguístico, o que as torna incapazes de compreender as especificidades dos discursos digitais nativos, cujo sentido é construído em um *continuum* entre linguagem e ambiente de produção⁴. Esse *continuum* está em sua forma compósita (sexto

³ Disponível em: <https://pleaide.univ-paris13.fr/> Acesso em: 8 de jun. 2021.

⁴ Paveau menciona o trabalho de Dominique Cotte (2004 *apud* PAVEAU, 2017, p. 13), que se refere a co-nunciações tecnológicas.

verbete), que integra, ao mesmo tempo, linguagem e informática, visível nas *hashtags* e nos *hiperlinks*; imprevisibilidade (vigésimo verbete), pois sua forma compósita mista, em parte, produto de algoritmos ocultos ao enunciador, torna impossível a ele prever as formas de circulação de suas produções on-line; deslinearização (décimo verbete), pois não possui um eixo sintagmático específico, podendo se relacionar a inúmeros hipertextos, seja por meio de *hashtags*, seja por meio de *hiperlinks*; ampliação (terceiro verbete), que supera a razão gráfica, na medida em que as ferramentas da *web* permitem que sejam adicionados comentários e que sejam compartilhados os textos indefinidamente, de tal modo que a instância enunciativa do discurso digital nativo não tem limites demarcados; e relacionalidade (vigésimo sexto verbete), que diferente da noção de dialogismo, refere-se ao material e ao automático, decorrente da estrutura hipertextual da *web*.

Essas características colocam dúvidas quanto à investigabilidade do texto on-line ao linguista cujos princípios, métodos e objetos pertencem a contextos linguageiros pré-digitais. Parece-lhe difícil identificar dados observáveis de enunciador, enunciatário, tempo e espaço, porque a compreensão de um discurso digital nativo integra prolongamentos temáticos e metadiscursivos infínitos, a partir de comentários (quarto verbete) de pseudônimos (vigésimo quinto verbete), quase sempre situados por dêiticos, como “ontem”. Diante dessa dificuldade, Paveau constata duas tendências: ou se questiona a validade do texto digital, a partir de uma visão dualista (décimo primeiro verbete), para a qual há dois universos separados e de natureza distinta, um real e outro virtual, de simulações⁵; ou se avalia negativamente a produção on-line, julgando-a de baixa qualidade, denunciando-a como responsável pela perda da memória humana, pela diminuição da leitura, do contato com os saberes e com as formas de sociabilidade.

Para a autora, deve-se compreender que os modos de existência digitais e pré-digitais são diferentes, mas ambos os modos são reais e estão integrados, como estão outros modos de existência pertencentes a diferentes espaços sociais, nos quais evoluímos. Podem ser observadas, on-line e off-line, modificações em nossos discursos, em marcas linguísticas – como neologismos, neografismos e elipses – e em marcas extralinguísticas – como a rapidez, a ansiedade, a impulsividade e a agressividade (PAVEAU, 2017, p. 59-60). Além disso, não se pode entender a *Internet* como um terreno para coleta de dados de interesse de uma Linguística pré-digital. Deve-se analisar o discurso digital nativo como um objeto em si, considerando parâmetros tecnodiscursivos⁶. Daí a insistência no uso de termos compostos pelo prefixo *tecno-*, que evidencia que, constitutivamente, o texto on-line não é puramente linguagem; e a adoção do conceito de “produto” (vigésimo quarto verbete), que marca que, na *Internet*, não há fronteiras delimitadas entre produção e uso de textos. Os conteúdos são produzidos de forma colaborativa, por ampliação e relacionalidade.

⁵ Esse dualismo se inscreve em uma longa tradição, que parte de Platão, passa por Descartes e se estende à atualidade, compreendendo o mundo em uma visão binária que distingue o material e o imaterial (PAVEAU, 2017, p. 122).

⁶ Isabelle Pierozak (2014 *apud* PAVEAU, 2017, p. 10) é citada, para quem há uma diferença entre utilizar a *Internet* “for corpus”, para a composição de um corpus, e “as corpus”, como um corpus.

Em “Comentário”, o foco são os parâmetros tecnodiscursivos para a análise do tecnogênero e os problemas da aplicação de categorias de análise pré-digitais no discurso digital nativo. O verbete é dividido em três partes: I. Descrição e definição. Um gênero renovado pela *web*; II. Tipologia dos comentários digitais; III. Questões de ética e de direito do discurso. Na primeira parte, o comentário é definido como uma das formas tecnodiscursivas mais frequentes e mais ricas da *Internet* – por isso, deve ser considerado um objeto central da Análise do Discurso Digital, para Paveau. Suas funções são múltiplas e evoluíram desde o século VI a.C., na Grécia, até os dias atuais. Continua como um lugar de exegese, de explicação, interpretação, sugestão e proposição, mas na *web*, transforma-se em formas inéditas em múltiplos planos, pela publicidade (estatuto técnico e jurídico), visibilidade (configuração tecnodiscursiva que define as relações entre os internautas e os enunciados), conversacionalidade e recursividade.

As teorias da interação definiram a conversação por um certo número de elementos e por marcadores conversacionais de abertura e de fechamento. No entanto, on-line, os segmentos de abertura de um comentário não correspondem a marcadores conversacionais, são janelas de comentários e metadados. Segmentos de fechamento, por sua vez, quase sempre não existem – enquanto as funções de resposta e de compartilhamento permanecem disponíveis, a conversação pode continuar indeterminadamente. É possível, ainda, comentar comentários ao infinito. Por conta dessa recursividade, para Paveau, é mais pertinente falar em conversacionalidade do que em conversação na Análise do Discurso Digital, e deve-se compreender que as formas de discurso citado na *Internet* são operações metadiscursivas de representação de atos de enunciação que comportam muito mais que formas de citação pela linguagem. A distinção enunciativa entre o discurso que cita e o discurso citado pode ser garantida apenas por dispositivos tecnológicos de compartilhamento e de comentário, ativado por botões que asseguram a função de representação dos atos de enunciação.

Nesse sentido, ainda na primeira parte do verbete, Paveau (2017, p. 38) identifica uma ausência de parâmetros digitais nas análises linguísticas feita por Malika Temmar (2013) e por Dóris Cunha (2014). No primeiro estudo, os autores de comentários são considerados enunciadoreis fictícios, por interagirem por meio de pseudônimos. Observa-se, assim, que a pesquisa foi feita a partir de uma posição exterior ao universo discursivo digital, em que a enunciação por meio de pseudônimo é regra. Examiná-lo como um apagamento enunciativo, além disso, é assumir uma concepção tradicional de autor, de patrimônio e assinatura, que limita a compreensão da responsabilidade enunciativa on-line. Já o segundo estudo, cujo objetivo era identificar as formas de diálogo com o outro, conclui que os comentários apresentam muito mais formas de alusão que de citação e que o discurso citado, nos *sites* da imprensa brasileira, é mostrado e direto. Desse modo, pouco se analisa a questão da ampliação enunciativa e discursiva na *web*.

Na segunda parte do verbete, são propostas quatro grandes categorias de comentários on-line, considerando particularidades tecnolinguageiras: 1. comentário relacional, em que se estabelece uma simples relação entre textos, do tipo fática; 2. comentário conversacional, em que se adiciona um conteúdo discursivo ou metadiscursivo a um texto primeiro; 3. comentário

deslocado, produzidos em espaços de mensagem privados; e 4. pseudocomentário, produzidos na ocasião do compartilhamento de textos e assim identificados porque não são reconhecidos pelos metadados como comentários. Na terceira parte do verbete, demonstra-se como o desconhecimento de particularidades tecnolinguageiras, como a distinção entre o público e o visível na *Internet*, ocasiona problemas de ética e de direito do discurso, na difusão de dados privados.

Constrói-se uma crítica aos princípios, métodos e objetos da Linguística contemporânea. Para Paveau, é essencial que os estudos discursivos contestem as concepções logocêntricas da Análise do Discurso tradicional e instaurem uma simetria – e não mais uma distinção – entre tecnolinguagem e realidade, inspirada na Antropologia Simétrica de Bruno Latour (1991 *apud* PAVEAU, 2017, p. 131). Para tanto, para Paveau, é preciso que os algoritmos sejam considerados, sendo incorporados à reflexão sobre o discurso digital nativo como *frames* ou representações – conceitos da Linguística Cognitiva. Eles produzem, pois, um certo número de regularidades e determinações que se aproximam, com ressalvas, das formações discursivas, definidas por Michel Foucault e por Michel Pêcheux (PAVEAU, 2017, p. 20). As ressalvas, na verdade, são muito importantes. Os *frames*, as formações discursivas em Foucault e as formações discursivas em Pêcheux implicam diferentes relações entre sujeito, mundo e linguagem.

De todo modo, destaca-se a expansão digital não como um novo canal de circulação nem como uma nova forma de codificação de conteúdo, mas como uma transformação ambiental, de agentes humanos e não humanos, que afeta e é afetada por estruturas sociais e suas relações. Defende-se uma perspectiva ecológica (décimo segundo verbete), que investigue os discursos, integrando linguagem, tecnologia, cultura, política e ética – proposta mais visível nos verbetes “Ciberviolência discursiva” (nono), “Enunciador digital” (décimo quarto), “Ética do discurso digital” (décimo), “Extimidade” (décimo sétimo verbete), “Pseudonimato” (décimo nono) e “Tuíte” (trigésimo primeiro). Nesses verbetes, demonstra-se como os valores mobilizados pelo discurso digital não são valores a ele inatos, são critérios morais de (in)aceitabilidade de representações que são atualizadas no espaço de ação e relação on-line.

Paveau (2017, p. 7) ressalta que a chamada revolução digital é, como a democracia ou a sexualidade, uma noção profundamente situada, sem quaisquer universalizações. Por isso, distingue quatro tipos de web: *web 1.0*, *web* implementada nos anos 1990, que se fundamenta em um sistema de distribuição de informações; *web 2.0*, *web* do começo dos anos 2000, que se apoia na interação de multiagentes, nas redes sociais e no compartilhamento multimidiático; *web 3.0*, *web* do início dos anos 2010, que organiza e faz uma curadoria de dados, graças ao desenvolvimento de metadados; e *web 4.0*, *web* que emerge nos anos 2020, integrando o on-line a elementos e atividades da vida cotidiana, a partir de aplicativos e *gadgets* (PAVEAU, 2017, p. 14-15).

Os exemplos, conceitos e categorias de análise apresentados ao longo do dicionário pertencem à web 2.0. Em relação à web 2.0, são identificadas quatro dificuldades para o

linguista: 1. para selecionar um *corpus* representativo, posto que, pela primeira vez na história da disciplina, pode-se acessar uma quantidade de enunciados tão grande; 2. para ter uma visão abrangente de hipertextos a partir de fragmentos parciais, uma vez que os dispositivos tecnodiscursivos não permitem chegar a um panorama global, tal qual se tem de um número de jornal impresso, por exemplo, e o leitor transforma o texto que lê, na medida em que escolhe um caminho de leitura, ao clicar em *hyperlinks*; 3. para considerar os efeitos da redocumentarização de textos e segmentos deles, que são compartilhados em massa em diferentes plataformas digitais, de tal maneira que, muitas vezes, a autoria se perde; 4. para definir o contexto tecnorelacional, que interfere no olhar do linguista, através de algoritmos, que fazem chegar a ele determinados textos – e não outros – e que destacam determinados enunciados, em detrimento de outros.

Perpassam essas dificuldades duas questões, interligadas e de extrema relevância, sobretudo, para o contexto pandêmico em que vivemos, no qual, certamente, a influência de todas as formas da *web* cresceu: a da “identidade calculada” (GEORGES, 2009 *apud* PAVEAU, 2017, p. 20) e a da memória tecnodiscursiva (vigésimo terceiro verbete). Sob a perspectiva ecológica do discurso digital nativo, as informações classificadas e hierarquizadas por algoritmos, a partir de traços de nossas atividades on-line, devem ter efeitos significativos em nossas vidas, fazendo previsões daquilo que pode nos interessar, para mostrá-lo de maneira priorizada. Assim, a tecnolinguagem prediz o porvir, nossos comportamentos, on-line e off-line, coconstruindo nossos enunciados e nossa identidade. Paveau sublinha que os algoritmos são elaborados pelo homem e, desse modo, a perspectiva pós-dualista da Análise do Discurso Digital não hipertrofia a ação da máquina, destituindo o homem de seu papel de sujeito. Insere, apenas, a tecnolinguagem nas questões relativas à linguagem e ao poder e à produção e reprodução do trabalho.

A memória discursiva, indubitavelmente, consolidou-se como objeto de estudo da Linguística pré-digital. Paveau menciona o estudo de Jean-Jacques Courtine, que elabora o conceito de memória discursiva como uma alternativa ao de formação discursiva, considerando a pluralidade de tempos históricos, passados, presentes e futuros, que se inscrevem em todo enunciado, que os faz circular. A memória discursiva digital, contudo, ainda não foi explorada com afinco, seja sob uma perspectiva discursiva, seja sob uma perspectiva textual. É objeto de reflexão apenas das ciências da informação e da comunicação.

Deve-se investigá-la, para a linguista francesa, considerando a estrutura hipertextual da *web*, os efeitos da redocumentarização de textos e a tensão entre a repetição e a memorização. Essa tensão, descrita por Benoît Habert, se dá precisamente entre dois modos de construir a identidade individual e coletiva: a partir de uma compulsão em “mumificar” a vida diária, pelo *life logging* – expressão em inglês que designa o ato de registrar atividades diárias pessoais ou da vida pública, no *smartphone* ou no computador, utilizando *gadgets* e aplicativos dedicados a esse propósito; e a partir da reflexividade, capacidade do ecossistema digital de, por meio de algoritmos, redocumentarizar traços das atividades dos internautas.

A originalidade da obra, que poderia ter sido elaborada como um manual ou como um ensaio, como Paveau pensou em desenvolvê-la, está na exposição das problemáticas em torno do estudo do tecnodiscurso em Linguística por meio de verbetes, que precisam a perspectiva ecológica. O dicionário não tem um *corpus*, e não são feitas análises dos exemplos de discursos digitais nativos apresentados com as categorias descritas e discutidas. As soluções para essas problemáticas e os caminhos para persegui-las, muitas vezes, permanecem em aberto. O trabalho, assim, cumpre o papel de demonstrar a fecundidade heurística da Análise do Discurso Digital e de verificar algumas lacunas nas teorias apoiadas no discurso pré-digital, como um “manifesto programático”, como o definiu Maingueneau⁷.

Essas teorias devem considerar as reflexões desenvolvidas por Paveau acerca da tradição dualista e logocêntrica em que se inscrevem. Devem se atentar, apenas, a possíveis conflitos entre noções de sujeito, coletividade, identidade e suas relações com a linguagem e com o mundo, posto que a Análise do Discurso Digital de Maria-Anne e sua perspectiva ecológica estão fundamentadas em uma Análise Cognitiva do Discurso. No Brasil, o Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (Labeurb – Unicamp) tem feito esse trabalho, em parceria com o Pléaïde, no projeto internacional Rede franco-brasileira de Análise do Discurso Digital (A2DI)⁸, coordenado pela Profa. Dra. Cristiane Dias e por Marie-Anne Paveau.

Recebido: 13/06/2021.

Aprovado: 09/07/2021.

⁷ Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/2554> Acesso em: 12 de jun. 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/projeto/28> Acesso em: 08 de jun. 2021.